



## 5º Congresso de Pós-Graduação

### SER PORTUGUÊS E SER CATÓLICO: FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA

#### Autor(es)

FABIO EDUARDO CRESSONI

#### Orientador(es)

José Maria de Paiva

#### 1. Introdução

Queremos observar a principal característica que determinou a organização da cultura portuguesa quinhentista. Tal observação justifica-se na medida em que essa cultura passa, com o processo de colonização em terras brasileiras, a ser transmitida para outros grupos sociais - índios e negros - além dos portugueses que habitavam a Colônia. Entendemos que a essa compreensão é de extrema valia para podermos estabelecer considerações acerca da formação da cultura brasileira. Pensar na organização social portuguesa presente no século XVI implica, antes de qualquer coisa, que abandonemos a concepção iluminista que ainda perpetua o pensamento moderno, definindo o curso da história como resultado das ações humanas, relegando a existência e providência divina a segundo plano, praticamente eliminando-a do contexto das hipóteses para o entendimento do arranjo desse corpo social. Organizada de forma diferente, “como um único corpo místico de vontades unificadas, a vontade coletiva subordinava-se no pactum subjectionis, que funda a hierarquia natural dos privilégios e a sacralidade da persona mystica ou ficta do rei” (HANSEN, 1994: 15), fazendo, então, com que todo o reino, assim como seu soberano, católico o fosse. Era esse o sentimento de unidade que estabelecia a identidade portuguesa. Segundo Silva e Hespanha: (...) os Portugueses não eram apenas isso; que eram também (e sobretudo) católicos, que eram (muito menos) europeus, que eram hispânicos; que eram, depois, minhotos ou beirões; vassallos do rei ou de um senhor; eclesiásticos, nobres ou plebeus; homens ou mulheres (1993: 19). Podemos pensar que a sociedade portuguesa quinhentista organizava-se “a partir de certas crenças ou princípios”, (MATTOSO, 1997: 130), sendo que esse modo de viver expressava uma unidade. Nesse sentido, Mattoso afirma que “se procuramos saber qual é este sistema de crenças e de princípios que constitui o ponto de referência dos europeus, temos de reconhecer que é fundamentalmente o Cristianismo” (Ibid: 131). Sacralizado, o Reino é composto de um só corpo social, em que os papéis de cada membro dessa sociedade, cuja cabeça seria o Rei, organizam-se de acordo com os preceitos hierárquicos estabelecidos pela fé. Como Reino católico, não existia espaço para qualquer tipo de dualismo que fragmenta tal unidade, “pois a representação é católica” (HANSEN, 1994: 16) em todos os sentidos. Pensando no caso português, observamos que a finalidade maior da identidade desse grupo era a expansão do catolicismo. Essa expansão, promovida na Colônia pelos jesuítas, expressava-se através do orbis christianus, conforme aponta-nos José Maria de Paiva: O

“orbis christianus” é uma imagem cristã medieval do mundo. Fundou-se na crença de que o mundo é de Deus, cujo representante na terra é a Igreja Católica. Este Deus, por ser verdadeiro, exigia que todos o reconhecessem e lhe prestassem culto. A verdade absoluta, eis o princípio e o fim do “orbis christianus” (1982: 21-2). Ao pensarmos nesta mesma cultura, que moldava o modo de ser dos portugueses no Reino e também na Colônia, passamos a considerar que todas as pessoas estavam imersas, em maior ou menor escala, nos moldes em que ser católico vigorava como sistema simbólico que atribuía significado à realidade vivida por todos. O estabelecimento dessa cultura no Brasil é discutido por Sérgio Buarque de Holanda. Para esse historiador, vem de longe, mais exatamente do velho mundo, parte de “nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes hostil, somos ainda hoje uns desenterrados em nossa terra” (1998: 31). A possibilidade dada aos portugueses, quando em contato com inúmeras nações indígenas e, mais tarde, com diferentes grupos étnicos africanos, fez-nos brasileiros, conforme indica Holanda. Sua afirmação, porém, demonstra a influência daqueles que vieram além-mar para América como responsáveis pela elaboração / transformação dos outros grupos envolvidos nessa experiência: Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas européias transportadas para o Novo Mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes de nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade (...) é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura (Ibid: 40). Lusitanizados, em maior ou menor grau, todos os grupos sociais que habitavam a Colônia estavam expostos a expansão desse modo de ser. Como demonstramos, essa tarefa cabia especificamente aos missionários da Companhia de Jesus, disseminadores da identidade portuguesa em terras brasileiras.

## **2. Objetivos**

---

O objetivo deste trabalho é discutir qual a principal característica que define a cultura portuguesa quinhentista. Observando seu principal traço, o ser católico em consonância com o ser português, passamos a considerar a importância que esse modo específico de ser possuiu na formação da cultura brasileira.

## **3. Desenvolvimento**

---

O desenvolvimento desse trabalho tem ocorrido através da leitura de diferentes obras que tratam desse tema. Assim, estabelecemos nossas reflexões a partir das indicações de autores que tratam especificamente da organização da sociedade portuguesa quinhentista e do impacto de sua cultura na Colônia.

## **4. Resultados**

---

Conforme demonstramos, a principal característica da cultura portuguesa, responsável pelo sentido de unidade no Reino, centrava-se no ser católico. Pensamos que Portugal identificava-se nesse ponto. Logo, consideramos que esse traço cultural marcou profundamente nosso modo de ser.

## **5. Considerações Finais**

---

Nosso objetivo foi expor qual o sentimento de unidade que fazia com que os portugueses se reconhecessem entre si. Feito isso, partimos da hipótese de que o Brasil passou a incorporar esse sentimento de unidade. Atuando como mediadores frente a esse processo, os jesuítas tiveram importante papel no processo de colonização do Brasil, consolidando a expansão do orbis christianus entre diferentes grupos.

## **Referências Bibliográficas**

---

HANSEN, João Adolfo. **Prefácio**. In: PÉCORA, Alcir. Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira. Campinas: Unicamp, 1994, pp. 13-36.

HESPANHA, António Manuel; SILVA, Ana Cristina Nogueira da. **A Identidade Portuguesa**. In: HESPANHA, António Manuel (Org.). História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807). IV Vol. Lisboa: Estampa, 1993, pp. 19-37.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATTOSO, José. **A Escrita da História. Teoria e Métodos**. Lisboa: Estampa, 1997.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese (1549-1600)**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.